

No **Curso de linguística geral**, Saussure opõe a língua à fala; porém, ele mesmo reconhece que a língua não se realiza senão na fala. Além disso, a fala é feita por meio de frases, que, por sua vez, são construídas de modo sistemático, pois, ainda que tenha liberdade para escolher os termos com que irá compor seu enunciado, o falante não pode organizá-lo fora das normas da língua. Assim, a fala, embora individual, realiza-se igualmente de forma estruturada, visto que, no momento em que decide falar, o usuário da língua irá buscar as palavras com que pretende formar seu discurso, mas também necessitará estabelecer as relações que visam organizar essas palavras em sentenças. Essa ordem em si mesma é significativa em muitas línguas e responsável pela formação do sentido, pois a simples inversão de termos em uma sentença pode alterar substancialmente o sentido, uma vez que se alteram seus valores.

Em sua análise, Saussure aponta dois eixos por meio dos quais a língua efetuará suas relações visando ao sentido: o eixo das relações sintagmáticas e o eixo das relações associativas ou paradigmáticas. As relações sintagmáticas seriam as responsáveis por todos os aspectos lineares, desde o sequenciamento dos fonemas até os aspectos sintáticos de ordenação das frases. Por sua vez, nas relações paradigmáticas, a partir das associações, operam-se as escolhas possíveis para a composição do enunciado, determinando-se aspectos tais como o tempo, o gênero, e todos os paradigmas existentes na língua, até mesmo as escolhas lexicais.

Rômulo da Silva Vargas Rodrigues. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. ReVEL. Edição especial n.º 2, 2008. (com adaptações)

Considerando os conceitos apresentados no texto acima, faça o que se pede nos itens I e II a seguir.

- I Discorra sobre as semelhanças e as diferenças entre a língua e a fala conforme o estruturalismo saussureano.
[valor: 0,50 ponto]
- II Explique como as relações sintagmáticas e paradigmáticas estão presentes na oração **João saiu da sala de muletas**.
[valor: 1,00 ponto]

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

Resolução da Questão 1 – Item I – Texto definitivo

1	
2	
3	
4	
5	

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

Resolução da Questão 1 – Item II – Texto definitivo

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

Um dos argumentos mais fortes a favor da universalidade e do caráter inato da linguagem humana é o fato de que, em cada geração, sem ensino formal, por mera exposição à língua da comunidade a que pertencem, as crianças reinventam essa língua por meio de um processo espantosamente rápido, uniforme e imune a diferenças de raça, sexo, estatuto social, condições econômicas e contexto cultural.

De um modo geral, por volta de um ano de idade, as crianças produzem palavras isoladas que designam as pessoas da família e objetos simples (*mamã, pato*) e fórmulas feitas de saudações (*olá*). Durante o segundo ano de vida, dá-se um notável crescimento do vocabulário, e começam a surgir as primeiras frases, formadas por duas ou três palavras. Aparentemente rudimentares, essas primeiras frases revelam já um conhecimento sofisticado da estrutura sintática da língua: uma frase resulta da combinação de uma expressão nominal com um predicado verbal (*mamã dá pato*), o sujeito e o objeto direto distinguem-se pela posição que ocupam relativamente ao verbo. Entre os dois e os cinco anos, todo o repertório de sons da língua está adquirido, o vocabulário aumenta com tamanha rapidez que levou alguns autores a chamarem as crianças nessa fase de “aspiradores lexicais”. Nessa faixa de idade, a morfologia flexional (nas línguas que dela dispõem) está adquirida no essencial, e as crianças constroem uma gama impressionante de construções sintáticas complexas.

A duração do processo de aquisição da linguagem e as etapas aqui muito sumariamente referidas têm-se revelado idênticas para centenas de línguas até aqui estudadas.

Inês Duarte. “Uso da língua e criatividade”. In: *A linguística na formação de professores de português*. Centro de Linguística da Universidade do Porto: Porto, 2001 (com adaptações).

Considerando essas informações, redija um texto em que, com base na concepção de aquisição de língua acima referida, sejam apresentados os conceitos de

- inatismo; [valor: 0,75 ponto]
- rapidez; [valor: 0,25 ponto]
- complexidade; [valor: 0,25 ponto]
- uniformidade. [valor: 0,25 ponto]

Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!

Resolução da Questão 2 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*

Questão 3

<<T0700988_0960_141089>>

No capítulo III de sua **Poética**, Aristóteles discorre sobre as diferentes espécies de poesia no que se refere à maneira de imitar. Nesse capítulo, o filósofo afirma o seguinte: “Com efeito, é possível imitar os mesmos objetos nas mesmas situações e numa simples narrativa, seja pela introdução de um terceiro personagem, como faz Homero, seja insinuando-se a própria pessoa sem que intervenha outro personagem, ou ainda apresentando a imitação com a ajuda de personagens que vemos agirem e executarem as ações elas próprias”.

Tendo em vista a teoria dos gêneros literários conforme a definição de Aristóteles acima, redija um texto dissertativo que atenda, necessariamente, ao que se pede a seguir.

- Cite os gêneros literários a que Aristóteles se refere no trecho. [valor: 0,50 ponto]
- Apresente duas características de cada um desses gêneros. [valor: 1,00 ponto]

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

 NÃO HÁ TEXTO**Resolução da Questão 3 – Texto definitivo**

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

O padeiro

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento, mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”.

De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que, obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido, conseguirão não sei bem o que do governo. Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E, enquanto tomo café, vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento, ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

— Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém... Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo, eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina — e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre: “não é ninguém, é o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

Rubem Braga. *Para gostar de ler: volume 1*. São Paulo: Ática, 1998, p. 61. (com adaptações).

Considerando o texto **O padeiro**, de Rubem Braga, acima apresentado, redija um texto dissertativo atendendo, necessariamente, ao que se pede a seguir.

- Discorra sobre as principais diferenças entre conto e crônica. [valor: 1,00 ponto]
- Identifique, exemplificando com trechos do texto, o gênero textual da narrativa em questão. [valor: 0,50 ponto]

Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!

Resolução da Questão 4 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*

Questão 5

<<T0701020_1057_147397>>

Para um amante incorrigível de livros, terminar a leitura de uma obra de qualidade provoca sensações contraditórias de satisfação e ansiedade. Acabado o livro, como sobreviver sem aquele companheiro capaz de transformar horas de espera em alegres momentos? Será que conseguiremos um substituto?

Jaime Pinsky. "Buscando o sentido das coisas". In: **Por que gostamos de história**. São Paulo: Contexto, 2013, p.71 (com adaptações).

Considerando que uma argumentação requer inicialmente a elaboração de uma proposição, da qual decorrerão a criação de hipóteses e a emissão de opiniões de forma lógica, redija um texto argumentativo com base nas ideias apresentadas no trecho acima. Ao elaborar seu texto, faça, necessariamente, o que se pede a seguir.

- Elabore uma proposição. [valor: 0,50 ponto]
- Apresente uma hipótese. [valor: 0,50 ponto]
- Defenda a hipótese, emitindo sua opinião. [valor: 0,50 ponto]

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

Resolução da Questão 5 – Texto definitivo

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!